

- Brechó de Hostilidades Sonoras

<https://catracalivre.com.br/sp/agenda/gratis/centro-cultural-sao-paulo-recebe-apresentacao-organizada-pelo-ibrasotope/>



Centro Cultural São Paulo recebe apresentação organizada pelo Ibrasotope

No dia 1º de outubro, quinta-feira, às 20h30 o Ibrasotope participará do “Coletivos no CCSP”. Neste projeto o CCSP recebe dez coletivos que trabalham com música instrumental.

Os coletivos criarão uma programação durante um dia do evento, que contará com diferentes formatos: shows de curta duração, jam sessions, ações interdisciplinares, palestras e bate-papos. Mais informações no [site](#) do Centro Cultural São Paulo e no facebook do Ibrasotope.

Para a data o Ibrasotope organizou uma apresentação inédita que contará com seis músicos - que formam um total de 4 grupos independentes - dividindo o palco, tocando ora simultaneamente, ora alternadamente. São eles Alexandre Torres Porres, Marcelo Muniz, Márcio Gibson, Mário Del Nunzio, Natacha Maurer e Renata Roman. A apresentação alternará cada grupo isolado com suas características artísticas com momentos de simultaneidade - polifonia de polifonias - e interação.

Sobre os grupos:

BRECHÓ DE HOSTILIDADES SONORAS

O BHS Inspira-se no caos plástico-sonoro das feiras de trocas e camelódromos. A proposta busca por meio da livre improvisação a (des)organização sonora espontânea pautada no excesso, gerada pela distribuição múltipla e aleatória de objetos (não)sonoros pelo espaço de performance. O instrumentário da banda-duo, formada por Marcelo Muniz e Natacha Maurer. É prioritariamente formado por objetos de segunda mão, incluindo brinquedos sonoros, brinquedos hackeados, vestíveis, objetos do cotidiano e geradores de ruídos. BHS é hostil. E é - de segunda mão!

- **Cadós Sanchez**

<http://www.tecnoartenews.com/eventos/utensilios-sonoros-com-thiago-sales-e-cados-sanchez/>

Utensilios Sonoros, com Thiago Sales e Cadós Sanchez

Escreito por Redação, Postado em Eventos, Exibições

SOXZYOTTO#18

thiago SALAS
cadós SANCHEZ
"utensilios sonoros"

18.06.. 21h

otto bistrot
r. pedro taques, 129
consolação - são paulo
entrada \$5

O duo de artistas Thiago Sales e Cadós Sanchez apresentam "Utensilios Sonoros", uma sessão de improvisação sonoro/musical, buscando relacionar as possibilidades sonoras de materiais acústicos e eletrônicos. A performance se dá a partir da utilização de objetos amplificados e instrumentos musicais singulares, criados e transformados pelo próprio duo.

Publicações recentes

- Oscar Niemeyer: clássicos e inéditos
- 20 perfis de museus no Instagram
- Site organiza melhores perfis do Instagram
- Software Takes Command, novo livro de Levy Manovich
- O problema de Molyneux, de João Maria Gusmão e Pedro Paiva

Tags

ambiente interativo aplicativos para iPhone app arquitetura arte arte contemporânea arte de rua arte digital arte eletrônica arte interativa arte sonora artes visuais cinema concurso cultura digital design encontro escultura exposição facebook festival fotografia galeria google+ imagem instalação instalação interativa internet mercado da arte moda museu música net.art performance pintura prêmio próxima natureza

O duo de artistas Thiago Sales e Cadós Sanchez apresentam "Utensilios Sonoros", uma sessão de improvisação sonoro/musical, buscando relacionar as possibilidades sonoras de materiais acústicos e eletrônicos. A performance se dá a partir da utilização de objetos amplificados e instrumentos musicais singulares, criados e transformados pelo próprio duo.

- **Ana Maria Romano**

<http://www.unradio.unal.edu.co/detalle/cat/todas-y-todos/article/detras-de-la-puerta-de-la-compositora-colombiana-ana-maria-romano.html>

"Detrás de la Puerta" de la compositora colombiana Ana María Romano.
23 de junio 2013

La música electroacústica, por su relación con la manipulación de sonidos a través del uso de las tecnologías ha sido un campo de creación que suele ser asociado con las cualidades de la racionalidad y de la masculinidad, pero son muchas las mujeres compositoras en este campo en todo el mundo. Entre ellas la pionera y promotora de la música electroacústica en nuestro país a mediados del siglo XX Jacqueline Nova, primera mujer en graduarse de composición del conservatorio de la Universidad Nacional de Colombia, y Ana María Romano, nuestra invitada al programa.

Ana María Romano es compositora de la Universidad de los Andes. Sus intereses creativos le han permitido trabajar los medios acústico y electroacústico así como la participación en proyectos multidisciplinarios de danza contemporánea, videodanza y performance. También suele compartir espacios colaborativos de improvisación musical e interdisciplinaria, con artistas de nacionales y de otros países.

¿Cómo se enteró de la existencia de UN Radio, emisora de la Universidad Nacional de Colombia?

- ☐ Es estudiante UNAL
- ☐ Es profesor UNAL
- ☐ Es administrativo UNAL
- ☐ Es pensionado UNAL
- ☐ Amigo/Familiar
- ☐ Publicidad

"Detrás de la Puerta" de la compositora colombiana Ana María Romano.

La música electroacústica, por su relación con la manipulación de sonidos a través del uso de las tecnologías ha sido un campo de creación que suele ser asociado con las cualidades de la racionalidad y de la masculinidad, pero son muchas las mujeres compositoras en este campo en todo el mundo. Entre ellas la pionera y promotora de la música electroacústica en nuestro país a mediados del siglo XX Jacqueline Nova, primera mujer en graduarse de composición del conservatorio de la Universidad Nacional de Colombia, y Ana María Romano, nuestra invitada al programa.

Ana María Romano es compositora de la Universidad de los Andes. Sus intereses creativos le han permitido trabajar los medios acústico y electroacústico así como la participación en proyectos multidisciplinarios de danza contemporánea, videodanza y performance. También suele compartir espacios colaborativos de improvisación musical e interdisciplinaria, con artistas de nacionales y de otros países.

- **Renata Roman**

<http://radios.ebc.com.br/radioarte/edicao/2016-01/conheca-o-trabalho-da-artista-sonora-renata-roman>

Conheça o trabalho da artista sonora
Renata Roman

O RádioArte! vai ao ar à meia-noite desta segunda (01)

Gosto 0 **Twitter** **G+** 0

URL FIXA: <http://radios.ebc.com.br/radioarte/edicao/2016-01/conheca-o-trabalho-da-artista-sonora-renata-roman>

00:00 **00:00**

Renata Roman **Divulgação**

A artista sonora **Renata Roman** é a produtora do RádioArte! desta segunda-feira (01). Seu trabalho transita entre instalação, música experimental, cartografia sonora e a rádio arte.

No repertório do programa: **"Native"** – criada em 2013 para a rede radia, a convite da rádio inglesa Resonance FM.

Ouçã o programa completo, clicando no *player* acima.

Redação, locução e edição de Renata Roman.

O RádioArte! vai ao ar às segundas, à meia-noite. E para participar do programa, basta enviar uma mensagem de áudio com o seu nome e a sua pergunta para o whatsapp da rádio: **(21) 9 9710 0537** ou entrar em contato com a Central de Atendimento ao Ouvinte pelo telefone **(21) 2117-6779** ou pelo e-mail ouvinte@ebc.com.br.

Produtor: Renata Roman

Tags: Renata Roman, instalação, RádioArte!

MEC FM - Rio de Janeiro
Ouvir ao vivo

Album póstumo comemora 80 anos de Elvis Presley

Ouçã o CD "El Esplendor Del laud en el Barroco" do violonista Francisco Gil

Últimas edições

Projeto de Alexandre Marino é destaque no RádioArte!

"Verdades Minúsculas" é o destaque do RádioArte!

Peça eletroacústica e estudo de paisagem no RádioArte!

Confira os

A artista sonora Renata Roman é a produtora do RádioArte! desta segunda-feira (01). Seu trabalho transita entre instalação, música experimental, cartografia sonora e a rádio arte.

No repertório do programa: "Native" – criada em 2013 para a rede radia, a convite da rádio inglesa Resonance FM.

Ouçã o programa completo, clicando no player acima.

Redação, locução e edição de Renata Roman.

O RádioArte! vai ao ar às segundas, à meia-noite. E para participar do programa, basta enviar uma mensagem de áudio com o seu nome e a sua pergunta para o whatsapp da rádio: (21) 9 9710 0537 ou entrar em contato com a Central de Atendimento ao Ouvinte pelo telefone (21) 2117-6779 ou pelo e-mail ouvinte@ebc.com.br.

- **Gustavo Serpa**

<http://virgula.uol.com.br/legado/extremismo-musical-o-noise-e-as-musicas-dificeis-de-se-ouvir/>

Extremismo musical: O no

virgula.uol.com.br/legado/extremismo-musical-o-noise-e-as-musicas-dificeis-de-se-ouvir/

música moda e beleza famosos tv e cinema geek comportamento relacionamento saúde viagem carreira Inacreditável

Portal Virgula > Legado > Matéria

Extremismo musical: O noise e as músicas difíceis de se ouvir

Por Redação
Atualizado em 7/08/2009

0 0 0

Tweet Compartilhar

No fim de junho, o site do semanário musical inglês *NME* organizou uma lista com algumas das bandas mais difíceis de serem escutadas. Alguns dias depois, o assunto foi retomado: um dos comentários da primeira notícia falava sobre a banda **Stalaggh**, projeto de noise metal que tem como vocalistas os internos de uma instituição psiquiátrica holandesa.

No site da gravadora da banda, a *Autopsy Kitchen Records*, não existem informações concretas sobre o grupo. O que se sabe é que os membros não se identificam, não concedem entrevistas e tem fascinação pelo conceito de "Arte Bruta", cunhado pelo artista francês **Jean Dubuffet** para designar os trabalhos artísticos feitos por doentes mentais e internos de instituições psiquiátricas.

"Com certeza, não foi uma ideia que veio do nada. Um trabalho como esses é muito difícil de controlar. Não há como saber como essas pessoas vão reagir durante as gravações", comenta Gustavo Serpa, integrante do projeto de noise brasileiro **ABESTA**. "O que eles fazem é muito sério e não tem nada por acaso."

Fato é que o som do Stalaggh é muito perturbador e é possível sentir na pele o desespero e a agonia que se passa na cabeça dos vocalistas convidados pela banda, como você pode constatar por si próprio no vídeo abaixo.

<object width="380" height="326"><param name="movie" value="http://www.youtube.com/v/3O5Px3_Rj3w&hl=pt-br&fs=1"></param><param name="allowFullScreen" value="true"></param><param name="allowscriptaccess" value="always"></param><embed src="http://www.youtube.com/v/3O5Px3_Rj3w&hl=pt-br&fs=1" type="application/x-shockwave-flash" allowscriptaccess="always" allowfullscreen="true" width="380" height="326"></embed></object>

Aguardando js-agent.newrelic.com...

também em legado

Calhau

Calhau

Calhau

Calhau

você tem que ler virgula

Pratique sem moderação

Kama Sutra do beijo: saiba como apimentar beijos e mordidas

Fizeram show na Bahia

"O Brasil é sensacional", diz Adam Levine, do Maroon 5

Projeto de Mario Testino

Projeto mostra Kristen Stewart, Caila Reymond e

POR 11:16
PTB2 15/03/2016

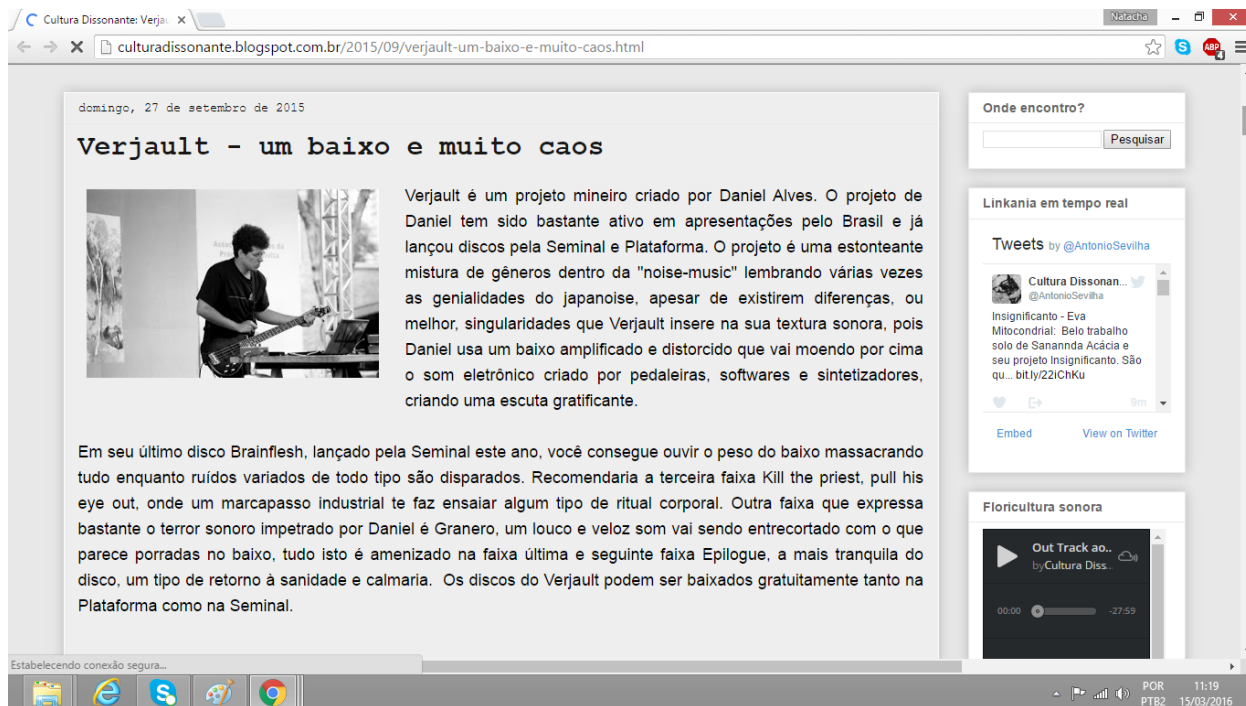
Extremismo musical: O noise e as músicas difíceis de se ouvir

No fim de junho, o site do semanário musical inglês *NME* organizou uma lista com algumas das bandas mais difíceis de serem escutadas. Alguns dias depois, o assunto foi retomado: um dos comentários da primeira notícia falava sobre a banda **Stalaggh**, projeto de noise metal que tem como vocalistas os internos de uma instituição psiquiátrica holandesa.

No site da gravadora da banda, a *Autopsy Kitchen Records*, não existem informações concretas sobre o grupo. O que se sabe é que os membros não se identificam, não concedem entrevistas e tem fascinação pelo conceito de "Arte Bruta", cunhado pelo artista francês Jean Dubuffet para designar os trabalhos artísticos feitos por doentes mentais e internos de instituições psiquiátricas.

"Com certeza, não foi uma ideia que veio do nada. Um trabalho como esses é muito difícil de controlar. Não há como saber como essas pessoas vão reagir durante as gravações", comenta **Gustavo Serpa**, integrante do projeto de noise brasileiro **ABESTA**. "O que eles fazem é muito sério e não tem nada por acaso."

- Verjault



<http://culturadissonante.blogspot.com.br/2015/09/verjault-um-baixo-e-muito-caos.html>

Verjault - um baixo e muito caos

Verjault é um projeto mineiro criado por Daniel Alves. O projeto de Daniel tem sido bastante ativo em apresentações pelo Brasil e já lançou discos pela Seminal e Plataforma. O projeto é uma estonteante mistura de gêneros dentro da "noise-music" lembrando várias vezes as genialidades do japonês, apesar de existirem diferenças, ou melhor, singularidades que Verjault insere na sua textura sonora, pois Daniel usa um baixo amplificado e distorcido que vai moendo por cima o som eletrônico criado por pedaleiras, softwares e sintetizadores, criando uma escuta gratificante.

Em seu último disco Brainflesh, lançado pela Seminal este ano, você consegue ouvir o peso do baixo massacrando tudo enquanto ruídos variados de todo tipo são disparados. Recomendaria a terceira faixa Kill the priest, pull his eye out, onde um marcapasso industrial te faz ensaiar algum tipo de ritual corporal. Outra faixa que expressa bastante o terror sonoro impetrado por Daniel é Granero, um louco e veloz som vai sendo entrecortado com o que parece porradas no baixo, tudo isto é amenizado na faixa última e seguinte faixa Epilogue, a mais tranquila do disco, um tipo de retorno à sanidade e calma. Os discos do Verjault podem ser baixados gratuitamente tanto na Plataforma como na Seminal.

- Infinito Menos

<http://www.ibrasotope.com.br/2015/01/ibx53-infinito-menos-ofc16-oficina.html?q=infinito+menos>



The screenshot shows a web browser window displaying the 'Ibrasotope Blog'. The page title is '[ibx53] infinito menos / Oficina "Guitarra Elétrica na Música Contemporânea: História, Escrita e Técnicas" no SESC Consolação'. The main text describes activities at SESC Consolação in February, mentioning the 'Infinito Menos' trio and the 'Experimental' program. A photo of the trio is included. The browser's address bar shows the URL: 'www.ibrasotope.com.br/2015/01/ibx53-infinito-menos-ofc16-oficina.html?q=infinito+menos'. The browser's taskbar at the bottom shows various icons and the system clock indicating 11:24 on 15/03/2016.

Clássica Flipcard Revista Mosaico **Menu Lateral** Fotografia Linha Do Tempo

[ibx53] infinito menos / Oficina "Guitarra Elétrica na Música Contemporânea: História, Escrita e Técnicas" no SESC Consolação

No começo de fevereiro o SESC Consolação trará atividades para quem gosta de música contemporânea e experimental.

É o caso da apresentação do trio **Infinito Menos**, no dia 04 de fevereiro, às 20h, e da oficina que será ministrada por Mário Del Nunzio e Matthias Koole, que ocorrerá nos dias 02, 03 e 04 de fevereiro, das 14h às 17h.

Essas atividades fazem parte do **Experimental**, programação especial que oferece diversos cursos, vivências e apresentações musicais e audiovisuais que abordam diferentes aspectos da criação e apreciação musical eletrônica, bem como experimentações em instrumentos analógicos e afins.

O trio **Infinito Menos** foi criado por Henrique Iwao, Mário Del Nunzio e Matthias Koole no segundo semestre de 2012 como consequência natural dos trabalhos mútuos de seus três integrantes.

Os três músicos atuam tanto na música contemporânea de concerto como em improvisação livre, e sempre trabalharam por uma criação musical que coloca a música em contato com diversas modalidades artísticas, como

trio Infinito Menos se apresenta no SESC Consolação dia 04 de fevereiro.

[ibx53] infinito menos / Oficina "Guitarra Elétrica na Música Contemporânea: História, Escrita e Técnicas" no SESC Consolação

No começo de fevereiro o SESC Consolação trará atividades para quem gosta de música contemporânea e experimental.

É o caso da apresentação do trio Infinito Menos, no dia 04 de fevereiro, às 20h, e da oficina que será ministrada por Mário Del Nunzio e Matthias Koole, que ocorrerá nos dias 02, 03 e 04 de fevereiro, das 14h às 17h.

Essas atividades fazem parte do **Experimental**, programação especial que oferece diversos cursos, vivências e apresentações musicais e audiovisuais que abordam diferentes aspectos da criação e apreciação musical eletrônica, bem como experimentações em instrumentos analógicos e afins. O trio **Infinito Menos** foi criado por Henrique Iwao, Mário Del Nunzio e Matthias Koole no segundo semestre de 2012 como consequência natural dos trabalhos mútuos de seus três integrantes.

Os três músicos atuam tanto na música contemporânea de concerto como em improvisação livre, e sempre trabalharam por uma criação musical que coloca a música em contato com diversas modalidades artísticas, como dança, instalação, vídeo, entre outras.

A experiência dos músicos com diversas práticas musicais faz com que seja possível uma criação que transite tanto por um ambiente de notação ultradetalhada e complexa como por

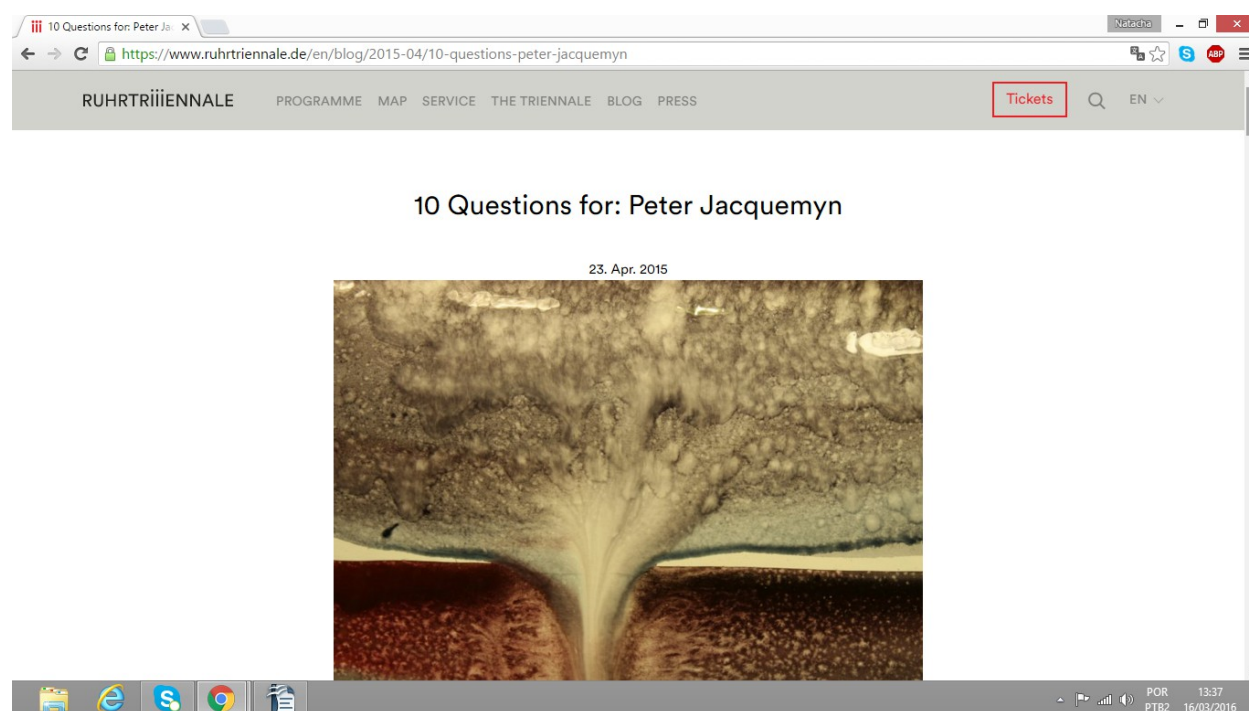
propostas de abertura, indeterminação e improvisação, e em sua atuação busca estimular um trânsito entre a música de concerto e práticas relacionadas a um ambiente artístico experimental, como a improvisação livre, a música de ruído, a arte sonora e projetos multimidiáticos.

O Infinito Menos sempre buscou atuar como uma plataforma para experimentação, promovendo um modo de criação que coloque em contato direto compositores e intérpretes, de modo a que sejam desenvolvidas situações musicais de caráter específico e único. Será possível observar isso na apresentação do dia 04 de fevereiro, pois o trio apresentará a obra “Apanhador de Sonhos”, de Valério Fiel da Costa, “Diacríticos”, de André Bandeira - ambos compositores que trabalharam muito próximos ao trio no período de composição das obras - além da peça “(serenata arquicúbica) ao quadrado”, uma releitura da peça “Serenata Arquicúbica” de Mário Del Nunzio. Esta obra tem como partitura um vídeo, constituído por até quatro camadas filmadas independentemente, cada uma focando uma das mãos e um dos pés de um guitarrista (o próprio compositor da peça) - formando, com isso, um guitarrista virtual, pela soma dessas quatro camadas.

E além desta apresentação, será ministada a oficina “Guitarra Elétrica na Música Contemporânea: História, Escrita e Técnicas” por Mário Del Nunzio e Matthias Koole - ambos guitarristas do Infinito Menos. (...)

– Peter Jacquemyn

<https://www.ruhrtriennale.de/en/blog/2015-04/10-questions-peter-jacquemyn>



The Belgian musician and artist Peter Jacquemyn is a leading figure of the international improvisation scene. His many-facetted artistic oeuvre comprises drawings as well as sculptures and music. At the Ruhrtriennale 2015 he will appear with violinist Gunda Gottschalk, tubist Carl

Ludwig Hübsch and the visual artist Sigrid Tanghe. We asked him some questions about his work...

Ruhrtriennale: “Wie die Orotschen sagen” is the title of your concert at Ruhrtriennale 2015. Can you tell us more about this title?

Peter Jacquemyn: The basic idea for this performance comes from a myth by the Orotschen, a small indigenous group of people in Russia's Far East, about the beginning of all times, the origin of earth, of life on earth. Almost every sentence ends with 'Wie die Orotschen sagen', 'So say the Orotschen.' It becomes a mantra. I like the sentence.

RT: Your partitions look like drawings. Can you describe what your working process looks like – from first sketches to (-) finished piece?

PJ: My partitions are more like a mood board. I try to visualize a multitude of information: what happens, how will the music sound and what feeling will it evoke. I include ideas about light design, eventually text...

These partitions here are the latest version of my daily sketchbook work. Every day brings new ideas turned into drawings, these drawings provoking even more ideas. Drawing is an indispensable step in the associative development of the creative process. To be able to continue the flow, to make the content stronger, to organize the narrative structure, to make things more precise it is absolutely necessary for me to make my ideas more precise in a sketch. Without drawing the ideas might get stuck at the beginning of its evolution.

In my experience, these drawings have also been very motivating for other performers. They see their performance in my drawings. And I love drawing by the way. It gives me peace and power, makes me happy and strong.

RT: Would you consider yourself as a musician or as a sculptor?

PJ: The difficult question. I can't help it, I do what I do because I do what I have to do, I have no choice.

But I'm very interested in all kinds of things, the origins of human behavior, in prehistoric or so called primitive societies, in all kinds of world music and arts and so on. Drawing and sculpture are a big source of inspiration to me. In a generalized way, one could say that in tribal societies there was almost no specialization in tasks. If you needed a knife, you took a stone and made one. The same was true for music and arts. Every member of a people made their own masks, painted their bodies, and took part in rituals, sang and danced... In those days there were no so called professional artists. That's how I understand Joseph Beuys' statement „Jeder Mensch ist ein Künstler.“ Anyway, the body makes a movement, the movement leaves a trace, a sign or a sound. It makes almost no difference to me, the movement is the origin.

RT: What is your first love – music or art?

PJ: Sculpture and drawing came first. I studied sculpture and never had any music education. Memories of me drawing are some of my oldest childhood memories. Growing up I felt a strong urge to make sound, to make music. So I bought a blues harp, the only instrument I could afford, and started to play in a punk band. Then the bass player left the band...

RT: On stage, you use plastic bags or old cans as music instruments. What inspired you to use these materials in such a way?

PJ: I never had any music education, so I was forced to find out myself how to play the bass. Because of my lack of any technique I had to find my own answers... Developing your own language, a very personal approach and technique is common business in fine arts. Experimenting beyond the tradition is almost a necessity in fine arts education. That's what I also did in music. I played a lot with very gifted pianists and electric guitarists, being almost jealous about their sound-, dynamic- and harmonic possibilities. I had to develop my own strategy to deal with it, preparing the bass in a way that gave it an almost unlimited wide range of sound possibilities. My bass can sound like a little Tibetan fiddle or like an enormous church-organ...

RT: Is there a special person you would like to perform with?

PJ: Work with one person in particular, difficult question.

One of my dreams is to make the stage design for a real opera with my sculptures, drawings, maybe stop-motion animated drawings, costumes. A big Wagner opera would be a real challenge for me.

On the other hand I want to be on stage. I want to play music myself, if possible combined with movement and theatre. I started playing the double bass being largely influenced by the famous Wuppertal bass player Peter Kowald. We even became close friends. He introduced me to some of the Pina Bausch theatre dancers. That's how performances with former Wuppertal tanztheater people such as Jean-Laurent Sasportes and Geraldo Si came about. Working with the Tanztheater Wuppertal is another one of those almost unfulfillable dreams. Among those is making music for theatre plays or movies by William Kentridge, one of my favorite artists. A collaboration where my music and art are involved, where I'm creating the stage image and performing at the same time, would be perfect. It would really take things a step further.

It's so difficult to give just one name. I have too many dreams I guess ...

RT: Have you been in the Ruhr region before?

PJ: Because of my strong connection to Peter Kowald and the Wuppertal impro-scene I'm quite often in the area. Wuppertal is not the Ruhrgebiet of course, but it's close...

A few years ago I performed live for Johannes Thorbeckes production of 'Philoctetes' in Recklinghausen and a couple of other cities. I remember walking through these abandoned old factories and industrial areas a lot. I love this landscape! It's gigantic and reminds me of medieval castle ruins, forgotten city's taken over by nature again. It's like walking inside one of Anselm Kiefer's paintings.

Last September I did a solo tour in Germany and played in Essen, Wuppertal, Köln, Bochum, Duisburg, Bielefeld, Münster and Düsseldorf. So yes, I'm familiar with NRW and Ruhrgebiet. I even feel at home here, Wuppertal has become a second home.

RT: What kind of music do you like?

PJ: More than half of my CD collection is made up of authentic ethnic music from all over the world. Music by the Papua from Papua New Guinea, the Pygmies from Central Africa, Kecak from Bali, Inuit throat songs from Canada and many more. Often music by almost forgotten musical traditions of pushed away minorities and half destroyed civilizations. I'm deeply inspired,

influenced and formed by so many so called primitive, tribal folk music. A few years ago I was part of the 'Roaring Hooves' festival in Mongolia and in direct contact with Mongolian music, throat-singing, Morin Khuur, a Mongolian horsehead violin ... It was a life changing experience for me.

But I also love Jazz. There is a great Jazz tradition, I'm thinking of Ornette Coleman and Thelonious Monk. And I'm diving more and more into New Music. I'm mostly drawn to the music of composers who were also inspired by Ethnic music such as Giacinto Scelsi.

RT: What are you particularly proud of?

PJ: A few years ago, I played the Free Jazz Festival in Prague. After my gig, an old Chicago free-jazz musician told me; "Hey man, you're crazy! You play this boring, intellectual, European, contemporary, abstract chamber music shit, but you make it swing man, swings like hell your music." Unfortunately, I don't remember who it was.

Last year I played a gig with Roy Cambell Jr., exciting American trumpet player. After the gig, he whispered: "You're one of us". A few months later Roy died...

Being appreciated by the old masters of free jazz and improvised music makes me proud, yes, very proud.

RT: What does your preparation for a performance look like? Is there any preparation?

PJ: Visiting a good museum is my favorite preparation for a concert. The Folkwang Museum in Essen or the Museum Küppersmühle in Duisburg, for instance. Warming up and stretching are a part of the preparation routine, of course. It's like preparing for a sports event. My music is very physical. Then I draw in my sketchbook and eventually get totally relaxed, fully concentrated and very focused – ready for the performance.

- **Erik Drescher**

http://barco.art.br/o-flautista-alemao-erik-dresche-faz-show-no-b_arco/



O flautista alemão Erik Drescher faz show no b_arco

Programa

Na primeira parte serão tocadas três composições para glissando flauta. Todas as peças serão apresentadas pela primeira vez no Brasil e foram compostas especialmente para ele.

Na segunda parte do concerto Improvisações com Thomas Rohrer (rabeca, sax soprano), Antonio Panda Gianfratti (percussão) e Erik Drescher (flautas)

Michael Maierhof: SPLITTING 39 (2012) estreia brasileira (flauta glissando, fita pré-gravada)

Peter Ablinger: SS. GIOVANNI & PAOLO (2012) estreia brasileira (Versão : flauta glissando, sax soprano e fita pré-gravada)

Alvin Lucier: DOUBLE HIMALAYA (2012) estreia brasileira (flauta glissando fita pré-gravada)

Sobre Eric

Nascido em 1972 em Bremen. Vive em Berlim, estudou flauta com Carin Levine e Hans-Jörg Wegner na Academia de Música de Detmold. Masterclasses com Robert Aitken, e Roberto Fabbriciani Aurele Nicolet, estudos privados com Robert Dick. Várias participações nos Cursos Internacionais de Verão de Música Nova de Darmstadt.

Concertos na Alemanha e no exterior. Por exemplo, na ArtGenda e Estocolmo Rikskonserter, Ny Musikk Oslo Festival de Música Electroacústica, `Primavera en LaHabana« Cuba, Steirischer Herbst, Graz, HerbstZeitTon Viena, Randspiele Zepernick, Intersonanzen Potsdam, SPOR Festival Aarhus Art Arbeiders Gezelschap Ghent, NewMedia Festival de Arte de Daegu / Coréia do Sul, Nam-Young Festival de Música Contemporay Daegu / Coréia do Sul, Norberg Festival Suécia, Querétaro México, Jornadas de instrumentistas en la Creación Fonoteca Cidade do México, UNESP São Paulo, EIMAS Festival do Rio de Janeiro, Klangforum Wien, Chronophonie Ensemble Freiburg, Kaleidoscop Solistenensemble Berlin, Berliner Ensemble Mosaik, Câmara Neue Musik Berlin, Ensemble Modern de Frankfurt, Elektronikstudio der technischen Universitaet Berlin, Estúdio Experimental da Fundação Heinrich Strobel SWR, EMS Estocolmo. Membro da Nexus Trio desde 2004.

Concentrou-se em música contemporânea. Especialmente a criação de novas obras e estreias mundiais de compositores tão diversos como Peter Ablinger, Maryanne Amacher, Antoine Beuger, Julio Estrada, Dror Feiler, Friedrich Goldmann, Hauke Harder, Hanna Hartman, Adriana Hölszky, Nicolaus A. Huber, Jamilja Jazylbekova, Sven-Ake Johansson, Bernhard Lang, Klaus Lang, Alvin Lucier, Michael Maierhof, André O. Moller, Chris Newman, Phill Niblock, Ivo Nilsson, Helmut Oehring, Christoph Ogiermann, Youngghi Pagh-Paan, Marianthi Papalexandri-Alexandri, Gerard Pape, Cornelius Schwehr, Martin Schüttler, Salvatore Sciarrino, Simon Steen-Andersen, Stefan Streich, Jennifer Walshe.

Produção de CDs na Edition Wandelweiser (André O. Möller) e Mode Records de Nova York (Alvin Lucier).

Planejado para 2012/2013 a gravação de CD novo com Trio Nexus pela gravadora Mode.

- Artesanato Furioso

<http://www.overmundo.com.br/overblog/duo-artesanato-furioso-belem-pa>



Duo Artesanato Furioso (Belém-PA)

O Artesanato Furioso é o duo de arte sonora, performance eletroacústica e improvisação sobre objetos amplificados criado em Belém-PA em setembro de 2000 pelos compositores Fábio Cavalcante e Valério Fiel da Costa. O duo foi responsável pelo primeiro concerto formal de música eletroacústica do Pará, e ficou conhecido, em 2001, depois de realizar dois concertos de madrugada no desativado Cemitério da Soledade em Belém com ampla participação do público (que julgava estar numa festa rave) e da polícia local. Segue um relato pessoal de como tudo começou:

o encontro com Fábio

Desde 1995 estudo composição musical em Campinas, retornando a Belém religiosamente durante as férias de julho e dezembro. O Fábio eu conheço desde 1994, quando fomos juntos ao Festival de Londrina ter aulas com o professor Koellreutter. Desde os primeiros feriados vinha tentando construir com o Fábio um movimento de música nova na cidade.

Ao chegar em Belém em setembro de 2000, marquei um encontro com Fábio na Estação das Docas para tomar chope e jogar conversa fora. Ele trouxe o resultado de alguns experimentos

sonoros que vinha preparando acho que para uma peça de teatro. Lembro que se tratava de uma música elaborada sobre os sons de um ar-condicionado. Nessa época eu já havia produzido alguns trabalhos em música eletroacústica e tinha acabado de estreiar uma peça em São Paulo (O Deserto dos Cães). Surgiu então a idéia de montar um concerto com nossas peças em Belém. Fábio havia arranjado um equipamento que consistia em 4 alto-falantes, dois amplificadores, uma mesa, um tocador de CD e um técnico que montaria o set e nos ajudaria a entender como funciona. Para completar, ele tinha também à disposição um galpão de teatro numa vila da Av. Magalhães Barata onde a Companhia Atores Contemporâneos, dirigida pelo Miguel Santa Brígida, trabalhava.

disponibilidade experimental

O que mais me chamou atenção na peça que o Fábio me apresentou no fone de seu tocador de CDs, foi o seu despojamento formal e uma certa aceitação do som em si como objeto artístico ao invés de usá-lo simplesmente como meio de expressão artística. Considerei isso um sinal verde para realizar experiências radicais. Contrabalançando uma certa tendência nossa à abstração formal, havia uma grande disponibilidade pela experimentação e pelo risco manifestas principalmente na maneira como Fábio escolhia os objetos a serem tratados ou sampleados (gemidos pornográficos, arrotos, sons aproveitados de tomadas de som cheias de chiado, etc.).

Outra coisa interessante era seu ritmo de composição que permitiu a produção, em pouco mais de uma semana, de uma música baseada em três sons de fala breves organizados num discurso frenético de 25 minutos (Música para Sexta) utilizando apenas recursos de edição, processamento e sequenciamento de softwares como Sound Forge e Cake Walk. Tais condições desencorajariam imediatamente um compositor do establishment paulista acostumado com os programas infalíveis e indispensáveis do IRCAM, ao poder do Macintosh e às imposições do meio que fazem com que os compositores tenham vergonha do que produzem caso isso não sirva para manter a evolução da grande arte (leia-se últimas tendências da vanguarda européia pós-serial ou pós-espectral). Outro recurso seu era a performance ao sequenciador acompanhada de sons pré-gravados. Uma espécie de música eletroacústica mista usando sons sampleados.

o espaço

A idéia era montar um set de alto-falantes dentro do galpão e projetar nossas músicas além de obras eletroacústicas de brasileiros ou estrangeiros. As paredes do local estavam pintadas de preto, não haviam cadeiras, apenas tatames no chão. Já que tínhamos toda a liberdade, passamos a convidar alguns amigos músicos dizendo que eles poderiam trazer qualquer tipo de coisa para as performances. Curiosamente ninguém quis se expor num projeto desse tipo, apesar do caráter lúdico da coisa. Avisávamos que muita coisa ocorreria de improviso e isso afugentou a todos. O espaço de performance permanece santificado na cabeça deles. A essa altura o horário e as datas já haviam sido estabelecidos: dias 28 a 30 de setembro de 2000 à meia-noite.

Para nós seria apenas uma oportunidade de estar envolto em sons, mesclá-los a outros, deixar a imaginação fluir sem preocupação com público, horário, funcionamento... uma brincadeira de luxo. Não há recortes de jornal sobre esses concertos pois preferimos não divulgá-los. Ironicamente tivemos um bom público nos três dias e um repórter do jornal 'O Liberal' ligou lá pra casa perguntando sobre as performances: "por que vocês chamaram o show de artesanato (com 'z')?"... "Ops! Tá escrito com z, é? É erro!". Lamentou que não tivéssemos procurado o Jornal antes, porque "esse evento era muito importante para a música paraense; é uma pena que não vai dar para divulgar, mas o próximo me dá um toque", etc. Fizemos questão, é óbvio, de não cobrar ingressos. Dissemos: "vamos fazer um som no galpão do Santa Brígida... se quiser, passa lá".

últimos preparativos

A semana anterior à primeira sessão foi de produção de material para tocar. Decidimos que haveria uma parte importante das performances dedicada a música para alto-falantes. Na verdade essa parte eletroacústica do trabalho está sempre presente como forma de fazer o tempo passar entre uma coisa arriscada e outra (como uma improvisação sobre objetos amplificados envolvendo o público, por exemplo). É curioso que o trabalho tenha sido classificado simplesmente como eletroacústico. Compus alguns trabalhos envolvendo interação entre coisas gravadas e performance ao vivo, pedi à minha esposa Tânia mandar vários CDs de música eletroacústica lá de São Paulo e tentei convencer alguns colegas a participar das performances. O Fábio já tinha um monte de coisas preparadas e ficou fazendo a *Música para Sexta*, para CD e sequenciador, que estava programada para tocar no concerto da Sexta-feira 29.

O primeiro dia foi a prova dos nove para toda essa estrutura pautada no despojamento. O que vai acontecer? Montamos o set à tarde, aprendemos a mexer na mesa, organizamos mais ou menos o que iria ocorrer à noite, ouvimos algumas músicas, amplificamos a porta de ferro do galpão (que tinha um belo som metálico), experimentamos algumas combinações sonoras usando objetos da trupe que ensaiava lá (como uma armação de um pequeno carrinho de ferro que rangia enquanto era empurrada) e fui fazer um programa impresso que acabou não servindo para nada.

ritual eletroacústico na madrugada belemense

Perto do começo foi chegando um monte gente do nada. Tinham ouvido falar da coisa e vieram curiosos. Alguns me conheciam ou conheciam o Fábio e estavam querendo saber que *maluquice* rolaria. Trouxeram bebida, deitaram-se nos tatames e criou-se uma atmosfera de ritual. Meia-noite em ponto comecei a tocar a peça 74 do John Cage e liguei o microfone da porta. A idéia era por alguém para manipular a porta e mandar os sons disso para as caixas acrescentando efeitos. O Fábio foi o primeiro *portista* da noite e ia entregando o instrumento para todos os espectadores que chegavam atrasados. O cara chegava, tava rolando uma atmosfera sonora densa dentro da qual ele era o intérprete solista. Por incrível que pareça isso deu certo. O pessoal entrou no clima e tivemos performances memoráveis. A primeira parte do concerto era de minha responsabilidade e toquei na seqüência uma peça do J. A. Mannis: *Cyclone* para altofalantes, baseada em um furioso improviso sobre os rangidos de uma cadeira.

Toquei a estréia mundial de *5 Voltas em um Parque ou o Acordeonista sob um Teto de Amianto* do meu colega Alexandre Fenerich e a estréia paraense de *O Deserto dos Cães* peça eletroacústica de minha autoria. Deu-se o intervalo e batemos um papo com o público sobre o que estava acontecendo. Muitos expuseram sua impressão sobre o que acabaram de ouvir e conversamos um pouco sobre a questão do gesto na música eletroacústica.

A parte do Fábio contou com peças para sequenciador e MD. Logo no início o choque: Uma versão do *Prelúdio e Fuga em dó menor* de J. S. Bach construída sobre o som de um arroteo sampleado. Lembro que fiquei impressionado com a cara-de-pau do Fábio e fiquei feliz por enxergar os limites de minhas próprias concepções sobre liberdade de experimentação e anarquismo em arte. Seguiram-se peças de Bach, Pixinguinha e um retumbão retirado do folclore paraense, todas realizadas com uma base de sequenciador com solo ao vivo no próprio sequenciador. Meu primeiro concerto de música sobre suporte tecnológico onde sons de General MIDI participam como uma possibilidade tão cabível quanto qualquer outra. Enquanto o Fábio tocava, pessoas da platéia me pediam para participar de alguma coisa. Ao começar a última música, deixei aquela armação de ferro sobre rodas com um espectador (Rogério Carvalho – ex ‘Anjos do Abismo’) que entendeu imediatamente o que fazer: apenas rodar de lá para cá muito lentamente. Fui até a porta amplificadora (e no caminho reparei que o Fábio abria o potenciômetro da porta na mesa) e acrescentei uns estalados com *reverb* ao contexto. O resultado foi muito bom. Com isso tínhamos fechado a primeira noite de modo inesperado e eficaz.

epílogo

Depois que terminamos de arrumar o espaço para poder fechá-lo reparamos que muitos espectadores ainda estavam no local querendo conversar sobre o que havia acontecido lá dentro. Fui levado ao Mercado de São Braz para tomar cervejas na madrugada e discutir música eletrônica, performance, gestual eletroacústico... minha cabeça estava em chamas com o ocorrido. Uma verdadeira mudança se operou na maneira como eu pensava a música e que afetou toda a minha produção posterior. Estávamos experimentando, através do risco, fazer música nova. E essa recém descoberta música experimental belemense tinha uma franca vocação anárquica...

O Artesanato Furioso ainda chegou a apresentar-se duas vezes mais nessa ocasião, dedicando um concerto formal de música eletroacústica ao dia 29 de setembro de 2000, data histórica do gênero na região; em 2001 conseguiram permissão da prefeitura de Belém para realizar dois concertos no Cemitério da Soledade de madrugada, que acabou se tornando um evento grande demais devido à cobertura enfática e sensacionalista da imprensa local; em 2002 voltaram aos galpões de teatro, dessa vez no “Espaço Bufo”, para mais duas apresentações; em 2003 realizaram performance de mais de uma hora percutindo a ponte Almir Gabriel, sobre o Rio Guamá, na altura do município de Marituba-PA e, em 2006, durante o IV Encontro Nacional de Compositores Universitários deram uma canja improvisando sobre sobras de lixo amplificadas. Um “retorno formal” do Artesanato está previsto para 2007.

